

Pt. 2 - O Jogo da Esquerda/Direita [RASCUNHO 1] 08/02/2017

A próxima curva vem imediatamente após o túnel.

Já estávamos na passagem mal iluminada há quase dois minutos, mas no ritmo que Rob gosta de viajar, é difícil imaginar quão longe realmente fomos. Quando descemos para o túnel, estávamos nos aproximando dos limites de Phoenix. Examinando o espelho retrovisor enquanto saímos, é justo dizer que não estávamos muito longe. Todo o resto; a temperatura, a hora do dia, o clima, tudo parece exatamente como era antes de nos aventurarmos no túnel. Não tenho certeza do que esperava, é claro, mas certamente não parece que estamos em algum lugar novo.

O túnel em si tinha sido igualmente desanimador, especialmente considerando a importância que Rob parecia dar a ele. Na verdade, a única coisa realmente interessante desde que passamos, foi algo que Rob disse quando chegamos à metade do caminho. À medida que a boca do túnel se aproximava de nós, Rob pegou o rádio e emitiu um aviso casual ao comboio. A mensagem em si era direta, mas sua escolha de palavras era, no mínimo, curiosa.

Resolvi perguntar a ele sobre isso.

AS: Rob, há apenas um segundo, quando você nos disse que a próxima curva estava chegando, por que você usou a palavra “armadilha”?

Rob: Hum?

AS: Eu tenho isso aqui anotado. Você disse: “Pessoal, estamos chegando ao fim em breve, a primeira armadilha está chegando. Nossa próxima curva é à esquerda quando saímos. Cuidado com isso.” Existe uma razão pela qual você usou a palavra “armadilha”?

ROB: Apenas uma daquelas coisas bobas. O cara que escreveu todos os diários de bordo originais gostava de pensar que a estrada tentaria induzi-lo a fazer o caminho errado. Pequenas estradas fora de grandes rodovias, estradas ocultas e curvas fechadas como esta.

AS: Ele pensou que a estrada estava tentando enganá-lo?

ROB: Sim, basicamente. Devo dizer que concordo com o cara.

Neste ponto, já pegamos a curva ofensiva e a próxima à direita um pouco mais adiante. Não posso deixar de sentir que Rob está lendo muito sobre o que é, essencialmente, uma curva abrupta em uma estrada comum. O nível de conspiração que ele consegue colocar por trás de uma coisa tão simples, chegando ao ponto de atribuir alguma qualidade maliciosa ao próprio asfalto... É difícil de levar a sério.

Na verdade, estou começando a me perguntar menos se Rob conseguirá me convencer de que esse jogo é real e mais se algum dia conseguirei convencê-lo de que não é. Talvez esta história seja menos sobre onde vai uma estrada mágica depois de algumas curvas em zigue-zague, e mais sobre onde a mente humana pode ir se investir muito em uma ideia. Para seu crédito, Rob notou meu cinismo, ele até parece gostar disso, mas se nosso ambiente atual deveria me convencer, então ele vai me achar mais cínica do que esperava.

Rob mantém as mãos no volante e os olhos na estrada. Qualquer tentativa de entrevista recebe uma resposta agradável, mas curta. Ele não está sendo evasivo, sua atenção está apenas em outro lugar. Antes que eu perceba, já se passou meia hora sem que Rob dissesse uma palavra. Parece que grande parte do Jogo da Esquerda/Direita envolve dirigir em completo silêncio. Mais uma vez, não tenho certeza do que esperava, mas certamente não foi um começo surpreendente.

Pelo menos me dá tempo para digitar minhas anotações.

ROB: Ferryman para todos os carros. Paramos aqui.

Uma hora e meia tranquila se passou desde que saímos do túnel. Não percebi que Rob atendeu o telefone, mas antes que eu percebesse, o Wrangler parou na beira da estrada, deixando um grande espaço atrás de nós para o resto do comboio estacionar. Os edifícios estão ficando raros e distantes agora, não demorará muito até que estejamos no deserto propriamente dito. Com isso em mente, presumo que Rob esteja simplesmente parando para deixar todo mundo beber um pouco de água.

Eu provavelmente não deveria presumir quando se trata de Rob Guthard.

Embora esta seja definitivamente uma parada para descanso, Rob também tem algumas palavras importantes para a tripulação. Ele nos reúne em um semicírculo, conversando enquanto comemos nossas provisões.

ROB: Agora, mencionei nos e-mails que, em determinados momentos desta viagem, vocês precisariam fazer algumas coisas só porque eu mandei. Este é um desses momentos. Vocês vão aceitar?

EVA: Uh sim, eu... Eu acho... Vamos saber o que é, certo?

APOLLO: É quando ele nos diz para dar nosso dinheiro a ele, certo Rob? Hahaha.

ACE: Sim, prefiro saber o que está acontecendo.

ROB: E não pretendo esconder nada de vocês. Só quero deixar claro que neste próximo trecho vocês precisam seguir minhas ordens à risca.

ACE: Sim, entendemos, diga agora.

Rob leva alguns momentos, talvez para dar gravidade ao seu argumento, talvez para engolir algumas palavras que seriam dirigidas ao cada vez mais impaciente Ace. Quando ele fala, é em um tom comedido e sério. Ele está claramente convencido de que levamos em conta suas palavras.

ROB: Durante cerca de meia hora, nas próximas 13 curvas, iremos um por um. Viajaremos em ordem de formação. Eu e Bristol iremos primeiro, depois enviarei um rádio para o próximo carro seguir. Quando você chegar ao jipe, estacione atrás de mim. Então continuaremos normalmente, agora...

Rob respira fundo. Quando ele recomeça, seu discurso é ainda mais incisivo do que antes.

ROB: ...Tem um carona na estrada, um homem bem vestido com uma maleta. Você o pega e o leva para onde ele precisa ir. Você NÃO fala com o homem em NENHUMA circunstância. Para estar seguro, não olhe para ele. Não aceite nada que ele lhe ofereça. Não abra a porta para ele nem dê adeus quando ele sair. Você não o reconhece, de forma alguma. Se você quer meu conselho, não diga uma palavra até chegar ao ponto de parada.

LILITH: Por que temos que ir um por um?

ROB: O cara que escreveu todos os registros diz que não gosta de escolher carros. Não sei o que isso significa, mas tive sorte de nunca ter descoberto.

ACE: Por que simplesmente não o deixamos?

ROB: Isso não é uma opção.

ACE: Bem, quero dizer, sim, é. Não vejo por que nós...

ROB: Droga, você vai buscá-lo, queira ou não!

O grupo fica em silêncio. Esta é a primeira vez que Rob levanta a voz. Na quietude que se seguiu, Ace parece que ficaria mais do que feliz em virar o carro e refazer a rota de volta para Phoenix, deixando Rob comendo poeira com algumas palavras bem escolhidas. Posso simpatizar um pouco com ele, Rob o trata como um aborrecimento, um acompanhante que não fez a lição de casa, mas no final das contas, Ace não está fazendo nada para consertar as coisas. Além disso, Rob está essencialmente certo, ele não fez a lição de casa.

BONNIE: Bem, tudo bem, suponho que deveríamos voltar à estrada então... Se todos estiverem prontos.

Decidindo que não tem mais nada a nos dizer, Rob marcha até o Wrangler. Bonnie, Clyde, Apollo e Eva estão sentados no chão compartilhando lanches. Ace se perde em seu telefone e Bluejay, ainda mantendo uma distância notável do grupo, leva para seu carro um exemplar do US Weekly.

LILITH: Bristol, podemos conversar?

Me viro e vejo Lilith, segurando seu celular com a tela voltada para mim.

AS: Sim, claro, o que está acontecendo?

LILITH: Você tentou fazer alguma ligação desde que atravessamos o túnel?

AS: Ainda não, por quê?

LILITH: Você poderia tentar?

Pego meu celular e ligo para o escritório. A linha está ocupada, o que não é exatamente incomum. Lilith observa atentamente, esperando uma reação.

AS: Não estou conseguindo.

LILITH: Eles estavam ocupados?

AS: Sim. Por que?

LILITH: Todo mundo está. Temos sinal, podemos fazer ligações, mas todos do outro lado estão ocupados.

AS: Você não acha que pode ser apenas coincidência?

LILITH: Eu realmente quero dizer todo mundo, Bristol. Enquanto Eva estava dirigindo, eu estive fazendo ligações; linha de suporte automatizada da minha câmera, 911...

AS: Você ligou para o 911?

LILITH: Para o bem da ciência, sim. Todos eles estão ocupados. Até liguei para um cara do meu dormitório que tem uma coisa séria por mim e, acredite, ele não está ocupado, porra. Isso é estranho, certo? É como se tivéssemos cruzado um limite e o mundo de repente estivesse... Fazendo outra coisa. Você sabe?

Com toda a honestidade, não tenho certeza se sei. Não quero dizer isso, mas ainda parece um grande exagero. Felizmente, Rob me poupa de comentar quando me chama para o carro, claramente ansioso para voltar à estrada. Digo a Lilith que analisaremos sua descoberta do

outro lado e ela concorda com a cabeça, recuando para sua amiga e imediatamente roubando um punhado de fatias de maçã.

Subo no Wrangler e dou adeus ao comboio. Voltamos lentamente para a estrada e seguimos nosso caminho. Observo o resto do grupo desaparecer em segundo plano e me sinto cada vez mais isolada, apesar da presença de Rob, ou talvez por causa disso, não tenho certeza.

O caroneiro aparece cerca de dez curvas depois.

Assim como Rob disse, o homem está incrivelmente bem vestido com um terno marrom bem ajustado e uma gravata verde escura. Mesmo à distância, posso ver que seus sapatos estão engraxados com habilidade, assim como a caixa de madeira envernizada apoiada no chão ao lado deles. Ele fica na beira da estrada e levanta a mão com cuidado, com uma expressão de esperançosa antecipação.

AS: Quem é ele?

ROB: O caroneiro.

AS: Isso é realmente tudo que você vai dizer?

ROB: É tudo que posso dizer. Você entende as regras aqui?

AS: Não fale com ele.

ROB: Eu diria para não falar nada. Não até pararmos. Quando pararmos, estaremos seguros.

Rob vira lentamente para o acostamento. O caroneiro sorri agradecido, juntando as mãos e apertando-as em agradecimento. Pegando sua mala, ele vai até o Wrangler enquanto desabotoa o blazer.

AS: Vejo você do outro lado.

A porta dos fundos se abre e o caroneiro entra na área de carga. Não encontrando lugar para sentar, ele se acomoda alegremente em algumas das bagagens mais macias logo atrás de mim.

CARONEIRO: Não há muito espaço para sentar aqui, hein!

Devo admitir que sinto uma necessidade sutil de responder. Mesmo depois dos avisos severos que recebi, ignorar o homem parece quase instintivamente rude. Afinal, fui criada como britânica.

CARONEIRO: Então de onde vocês são? Estou viajando de Oakwell.

Olho para ele pelo retrovisor. Ele encontra meu olhar e sorri. Volto minha atenção para a estrada, contando as linhas brancas. O estranho persiste em tentar iniciar uma conversa.

Dez minutos se passam. O silêncio torna-se palpável, quebrado intermitentemente por mais uma alegre tentativa de conversa. Os tópicos incluem o bom tempo que estamos tendo, nossas profissões, nossos hobbies. Em resposta, realizo tarefas inúteis, mas que ocupam minha mente. Eu me pego jogando jogos na minha cabeça, pensando em frases comuns e transformando-as em anagramas desajeitados. Parece funcionar e, depois de um tempo, começo a me habituar à conversa fiada do homem. Quase não percebo que ele está lá.

Talvez seja isso que permite que ele me pegue.

CARONEIRO: Você é uma decepção, não é?

A declaração surge do nada. É afiada, venenosa, completamente desconectada das suas frases anteriores. Estou sonhando acordada quando ouço isso e, antes que possa registrar o que estou fazendo, me viro para encará-lo. Meus lábios já estão se abrindo e um questionamento paira na minha cabeça.

"O que?"

Quase digo isso em voz alta. A frase está na ponta da minha língua, uma única nota que minhas cordas vocais estavam quase prontas para tocar. Apenas o aperto repentino e violento da mão de Rob em meu antebraço me ancora no momento. Olho para o caroneiro, minha boca ainda aberta. Ele está diferente agora. Todo o calor e a gentileza foram drenados de seu rosto como maquiagem escorrendo. Seu sorriso é malévolo, calculista e, finalmente, parece honesto.

CARONEIRO: Você quer saber algumas coisas? Eu posso te contar.

Rob mantém os olhos focados na estrada, mas aperta meu braço com mais força.

CARONEIRO: Posso te contar tudo o que você quer saber. Até mesmo as coisas que você nunca soube sobre si mesma. Até mesmo os pensamentos que você não sabia que estava pensando... Aquelas criaturinhas, lá no fundo.

Nós nos encaramos por mais um momento antes de eu me virar e voltar a olhar para a estrada. Não conto mais as linhas brancas. Agora estou concentrada em tudo o que nosso passageiro tem a dizer. Pelos próximos dez minutos, toda a minha atenção estará focada em ignorá-lo.

Ele tenta puxar conversa mais algumas vezes, fazendo questionamentos mais inocentes. Cinco minutos depois, ele indica um ponto aparentemente aleatório na beira da estrada e Rob o deixa. O homem nos agradece, desce com cuidado, larga a mala e acena enquanto partimos. Quando desaparecemos na próxima esquina, ele ainda não parou de acenar.

Surpreendentemente, o silêncio causado pela presença do Mochileiro não é tão intenso quanto aquele que ficou atrás dele. Decido quebrar a tensão um tanto deselegantemente.

AS: Para ser justo, ESTAMOS tendo um bom tempo.

Rob: Não fale.

COMO: Você está bravo comigo? Lamento que ele tenha chegado até mim, eu não esperava-

ROB Você se saiu bem. Não conversamos até pararmos.

Volto às minhas anotações, fazendo questão de registrar meus sentimentos atuais. Para que conste, “envergonhada, mas aliviada”. Porém, assim que coloco as palavras no papel, sinto outra coisa. Confusão, misturada com preocupação. Por que, no final das contas, me senti aliviada ao não falar com um homem estranho que tentou falar comigo? Havia alguma coisa realmente em jogo?

Quanto mais penso nisso, mais percebo que todo o episódio com esse “caroneiro misterioso” reduz o Jogo da Esquerda/Direita a dois estados possíveis: Ou é real ou é uma farsa elaborada, perpetrada por Rob J. Guthard. A mulher louca, o túnel, a curva maliciosa à esquerda, tudo isso poderia ser explicado como racionalizações, mas o caroneiro era muito elaborado, muito difícil de prever. Se ele fosse ator, Rob nada mais seria do que uma fraude impressionante. Se ele fosse genuíno? Então não tenho certeza de onde isso nos leva.

Algo no canto do meu olho me tira dos meus pensamentos. Um objeto transitório e periférico que passa quase completamente por mim antes que eu me vire em uma fraca tentativa de pegá-lo. Só tenho alguns segundos para olhar antes que ele desapareça do meu campo de visão. Olho para frente mais uma vez, me recosto no banco e deixo Rob nos levar cada vez mais adiante na estrada.

Não demora muito para finalmente pararmos.

ROB: Você fez bem, sinto muito por apertar seu braço. Eu só não queria que você fizesse algo de que se arrependesse.

AS: Não, está tudo bem. Você sabe o que acontece se você falar com ele?

Rob: Não tenho certeza. Cheguei perto uma vez, alguns anos atrás. A maneira como ele olha para você quando pensa que está na dele? Acho que não quero saber.

AS: Rob, eu vi algo há alguns minutos. Não sei se você percebeu isso.

ROB: Receio que eu estivesse olhando para a frente a maior parte do tempo.

AS: Havia um carro na beira da estrada. Ele havia caído em um barranco. Você já viu algo assim antes?

ROB: Eu nunca vi isso. Mas às vezes aparecem coisas aleatórias aqui e ali.

AS: Outras pessoas além de você jogam o Jogo da Esquerda/Direita?

ROB: Ninguém que eu conheça. Quem quer que fosse, provavelmente preferiria cair do que enfrentar aquele maldito caroneiro novamente.

AS: Ele está lá no caminho de volta também?!

ROB: Se você não tiver sorte.

AS: Bem, algo pelo qual ansiar.

Rob pega o rádio e envia mensagens para Apollo partir, repetindo seus avisos sobre o carona. Sinto que todos terão um discurso semelhante antes de embarcar. Ace provavelmente conseguirá o discurso duas vezes.

Meia hora depois, Apollo aparece. Embora ele ria da provação, ele está claramente abalado.

APOLLO: O cara deveria chamar um Uber. Você não pode calar a boca desses caras. Hahaha. Vocês têm Uber na Inglaterra?

COMO: Sim.

APOLLO: Então você entende o que quero dizer, certo?

Bonnie e Clyde chegam mais rápido que Apollo. Eles param na parte de trás, Clyde ajuda Bonnie a sair do carro e ambos esticam as pernas.

Assim que Apollo se junta a eles, fica claro que cada um tem uma história diferente para contar. O caroneiro ofereceu doces de viagem a Clyde, insistindo de maneira agradável, mas firme, que ele aceitasse um. Apollo quase começou a falar sobre seus gostos musicais depois que o carona pediu para tocar alguma coisa no rádio. Essa história em particular me deixou curiosa para saber se ainda teremos National Public Radio nesta estrada.

Rob cumprimenta Bonnie e Clyde e depois sai para sinalizar para Eva e Lilith. Ele ainda está sentado no jipe quando o encontro na porta.

AS: Ei, o que você está fazendo?

ROB: Só esperando perto do telefone. As meninas estão a caminho. Você precisa de alguma coisa?

AS: Hum... Talvez. Eu, uh, acho que Apollo foi afetado um pouco mais pela história do caroneiro do que ele deixa transparecer.

ROB: Ele parece ótimo para mim.

AS: Não tenho tanta certeza. Ele só sorri quando há pessoas por perto. Você poderia falar com ele?

ROB: Bem, não me sinto muito confortável, tenho quatro ex-esposas para me dizer isso. Acha que seria melhor vindo de você?

AS: Acho que esta é uma conversa de homem para homem.

Rob não parece confortável, mas concorda, saindo do carro.

ROB: Na última conversa “de homem para homem” que tive, meu filho não falou comigo por três meses.

Eu o vejo caminhar até Apollo, que está parado ao lado de seu Range Rover, olhando para seu telefone. Rob coloca a mão calmamente no ombro do homem. À distância, é realmente um momento doce. Começo a me sentir mal por mentir para ele.

Abro cuidadosamente a porta do motorista e entro no Wrangler, presumindo que tenho cerca de vinte segundos antes de Rob voltar. Pego o receptor de rádio, olho para uma lista de predefinições, rotuladas de um a nove. Não sei qual botão pressiono para falar com Eva e Lilith, e certamente não tenho tempo de ligar para todo mundo.

Rob nos entregou um transceptor antes de sairmos. É com isso que ele tem feito os boletins para o comboio. A posição 1 o coloca em contato com um transceptor de todos os carros, já vi isso na prática muitas vezes. O resto das predefinições devem acessar os transceptores individualmente e, se Rob for o homem que penso que é, ele distribuiu nossos rádios em ordem de posição. Se for esse o caso, Rob ou eu poderíamos ser a posição 2. Apollo seria o próximo, depois Bonnie e Clyde. Sem saber onde Rob se colocou na fila, a única opção que me garantiria chegar até Lilith e Eva seria a posição 7. Acho que faz sentido.

Sem tempo para duvidar do meu raciocínio, pressiono o botão e pego o fone.

AS: Aqui é Bristol para Lilith & Eva. Vocês estão aí?

O receptor estala silenciosamente. Olho pelo retrovisor e vejo Rob conversando um pouco com Apollo. Talvez suas quatro ex-esposas estivessem no caminho certo.

LILITH: Lilith para Bristol. Como é do outro lado? Não vimos nenhum caroneiro. Ah, a propósito, acabei de ligar para Eva e a ligação foi atendida, pode me dar seu número para testar?

AS: Desculpe, Lilith, estou ligando para falar de outra coisa.

LILITH: Por quê? O que está acontecendo aí?

Apollo está acenando para Rob, posso imaginá-lo garantindo que está perfeitamente bem. Eu realmente não tenho muito tempo.

AS: Tenho uma missão para você, mas você precisa mantê-la em segredo.

LILITH: Parece incrível, o que houve?

AS: Depois que você passa pelo caroneiro, há um carro batido na estrada, do lado do passageiro. Enquanto você passa por ele, você se importaria de fazer algumas filmagens?

LILITH: Que tipo de filmagem?

AS: Basta aumentar o zoom e obter o máximo de detalhes possível. Você não precisa parar, apenas... Qualquer coisa será útil.

Rob está começando a voltar para o carro. Eu mudo para o banco do passageiro, ainda segurando o fone.

LILITH: Há alguma coisa específica que você-

AS: Fale comigo mais tarde, não agora. Obrigada. Tchau.

Bato o receptor no coldre um momento antes de Rob abrir a porta. Ele dá de ombros para mim.

ROB: Ele parece estar bem, a menos que haja algo que ele não esteja me contando.

O resto do dia é bastante tranquilo. Lilith e Eva chegam, radiantes sobre sua experiência com o caroneiro e se gabando do que a filmagem da câmera significaria para seu canal. Lilith termina sua história insistindo que nada mais aconteceu durante o resto de sua jornada, enquanto dirige um olhar altamente intencional em minha direção. Desvio o olhar e faço uma anotação mental para alcançá-la quando menos pessoas estiverem por perto.

Bluejay parece ser a menos afetada pelo encontro com o caroneiro. Conseguimos extrair algumas palavras dela, embora talvez "algumas" seja um exagero.

BLUEJAY: Estou cansada.

Depois disso, ela vai se sentar sozinha.

Quando Ace para no acostamento da estrada, ele quase cai do carro. Suas pernas estão fracas, seu rosto pálido, sua respiração rápida e superficial. Tento fazer com que ele fale sobre isso, mas ele me dá de ombros, ansioso para saber para onde estamos indo, em vez de falar sobre onde estivemos.

Viajamos por mais algum tempo, agora em torno de 486 curvas, e nos aproximando de nossa primeira noite na estrada. Rob sinaliza nosso ponto de parada, uma clareira tranquila no topo de uma colina. Rob organiza uma pequena área de dormir na traseira do Wrangler, deixando uma fila de bagagens como barreira entre nós. Agradeço a ideia, mas realmente não sei como contar a ele. No final, eu apenas digo...

AS: Obrigada por esse espaço.

Apollo tenta impedir que todos se deitem emitindo declarações vagas sobre “fazer fogo”, mas as pessoas rapidamente vão para seus carros. O início precoce e os acontecimentos subsequentes do dia cobraram o seu preço. Observo Liliith e Eva se separarem do grupo e irem para o carro. Suponho que terei que falar com elas amanhã de manhã, quando Rob não estiver por perto.

Ainda me sinto um pouco mal por mentir para ele e por levar Liliith e Eva ao que poderia ser um ato flagrante de paranóia idiota. Rob parece um homem bom, um homem razoável, tão imperfeito quanto qualquer um de nós, mas fundamentalmente decente. Mas permanece o fato: quando falei com ele sobre o carro acidentado, ele disse claramente:

“Quem quer que fosse, qualquer um provavelmente preferiria cair do que enfrentar aquele maldito caroneiro novamente.”

Eu quero confiar em Rob. Quero acreditar nele quando ele diz que não viu o carro, que nunca tinha visto um carro naquele trecho da estrada. Mas para um homem de tão poucas palavras, ele poderia ter falado demais.

Se ele realmente nunca viu o carro, como sabia a direção que ele estava seguindo?

Faço todas as minhas anotações sobre esse assunto no papel e em taquigrafia, o que espero, na longa e variada vida de Rob, ele não tenha inexplicavelmente aprendido a ler. Muito depois de Rob ir para a cama, fico no banco do passageiro digitando meus pensamentos sobre o dia.

CHUCK: Essa foi “Sister Moon” de Leslie Estrada, outra música para acalmar vocês enquanto caminhamos noite adentro. É Chuck Greenwald e estou com você até a hora mágica.

Resolvi ligar o rádio afinal. Fiquei curiosa e também queria companhia. Abaixei o volume para que o barulho não alcançasse Rob e procurei por algo para colocar no fundo. Não há muitas estações para escolher aqui. A mais clara é a Rádio Jubilation, a estação local de uma cidade próxima. O atual DJ, Chuck Greenwald, está tocando música folk há uma hora.

CHUCK: Tem sido uma semana movimentada em Jubilation, pois damos as boas-vindas ao nosso novo Diretor da Escola, um cara muito impressionante que está trazendo algumas propostas novas e interessantes para a nossa comunidade. Tem algumas pessoas falando sobre financiamento para as artes, se você tiver uma opinião, adoráramos ouvir.

Termo de digitar minhas anotações menos clandestinas e só então percebo o quanto estou cansada. Querendo dormir, mas ainda não preparada para percorrer o único metro entre mim e o colchão de ar, deito-me na cadeira e ouço o Sr. Greenwald falar à sua amada cidade.

CHUCK: Voltaremos aos seus pedidos muito em breve e posso dizer que temos algumas novidades a caminho. Por enquanto, vamos para a nova caixa.

CHUCK: Eles vão doer agora.

Imediatamente, no volume de um sussurro, a Rádio Jubilation começa a transmitir uma cacofonia de gritos dilacerantes. O barulho corta o ar, o que parece ser centenas de pessoas, cada uma contribuindo com sua própria voz para uma sinfonia coletiva de dor e tormento.

Instintivamente afasto meu corpo do rádio, subitamente ereto e bem acordado. Os gritos são incessantes, agonizantes, pontuados apenas por apelos meio abafados e sufocados pelas lágrimas para que o que quer que esteja acontecendo pare.

Alguns segundos depois disso acontecer, os gritos são interrompidos quando os tons suaves de Chuck Greenwald assumem o controle.

Olho do rádio para a figura adormecida de Rob J. Guthard. Não posso deixar de olhar para ele enquanto um único pensamento passa pela minha cabeça.

Espero que este homem seja uma fraude, espero que ele esteja me enganando. Porque se não estiver, então há algo muito errado com esta estrada.

CHUCK: Espero que vocês tenham gostado, vamos trazer muito mais para vocês. Aqui é Chuck Greenwald dizendo que você é sempre bem vindo em Jubilation.

CHUCK: Fique conosco.